

# TIRO E SPORT

ANNO XIII

Revista de Educação Physica e Actualidades  
Continuação d' O Tiro Civil e da Revista de Sport

N.º 351

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Director proprietario: Senna Cardoso — Secretario da redacção: Costa Ferreira

EDITOR RESPONSÁVEL — *Candido Chaves*  
Typ. do Anuario Commercial — C. da Gloria, 5

31 de Março de 1907

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Nova do Almada, 50 — LISBOA — Telephone, 1231

## CRICKET



Match de cricket no campo do **Lisbon Cricket Club**, Cruz Quebrada

*Cliché Tiro e Sport*



CRONICA

Beneficios

Começaram os beneficios theatraes e, certo, como consequencia, as ofertas aos artistas que mais nos deliciaram durante a epocha, a findar d'aqui a mez e meio. E' summamente logica esta ideia, francamente enraizada, de offerecer bijoutheiras, objectos de valor, quinquerthias ou meia duzia de chouros, ao galan que durante a epocha mais nos emotivou com os seus arrancos dramaticos, ou prestar homenagem por meio de cartas, bilhetes e telegrammas com um fato de bom cheviote, á mistura, ou ainda alguma canastra de especiarias, ao comico de chiste que á força de risada nos fez saltar os botões do collete. Acima de tudo forçoso é o ser agradecido e muitos actores existem que merecem o nosso agradecimento.

Olhae, *verbi-gratia*, o comico Alexandrino ou o *central* Josué, os actores que melhor sabem grunhir actualmente! Não são porventura merecedores que lhes offereçam um javardo em *terra-couta* de Raphael ou um lindo prato de suspensão, em loiça de vidrados, com trez castanhas ou bolotas, ou ainda pèras em menor numero?

Attentae na ingenua Etelvina ou na tragica Esperança, que se enervam, aquecendo-se e ao publico, sempre sob uma tensão nervosa grande, conduzindo á fadiga, ao exgoto nervoso, á neurasthenia... Que melhor lhe podeis offertar no dia de seu beneficio em que dispendem todo o brilho do seu talento, guindando a arte ás fulgurações do genio, esmagando sentimentos, atropelando intenções, na febre de colher admiradores? — Um thermometro d'alcool ou de mercurio, porque ambos teem subida na columna thermometrica, a fim de que a propria actriz, com esta coisa utilitaria, de futuro possa regular a sua energia thermica e artistica.

Espectador que se preze deve não só applaudir o seu actor favorito durante a temporada, mas tambem presentear-o em dias de beneficio quanto mais não seja com uma gravata de tostão dos vendedores ambulantes. A intenção é tudo. E muitos ha que dão lisonja, perguntando-lhes frequentemente pelo dia célebre para contar com a dupla despeza; a do *fautueil* e a da prenda, gratamente esportulada em signal de amistos reconhecimento por varios e tantos favores recebidos. A resposta é quasi sempre a mesma. O primeiro actor ou a primeira actriz, porque todos se julgam os primeiros, está sempre á espera d'uma peça nova que o Manuel, o João ou o Julio lhe prometteu em *première* e para a sua festa artistica. Não os Srs. Dr. Manuel Penteadado, nem D. João da Camara ou Dr. Julio Dantas, como aquelles consagrados nomes de baptismo parecem querer indicar quando se trata do theatro; mas sim o Sr. Manuel dos Santos, João Fernandes ou o Julio da *Rafôa* que tambem percebem de arte quer fazendo as peças ou mesmo representando-as para honra e gloria sua e dos beneficiados. O certo é que o actor organiza depois o programma tentador, com monologos e cançonetas de sua lavra canto e dicção, os espectadores accodem sollicitos á bilheteira e os amigos enviam-lhes presentes. No dia seguinte os diarios publicam-lhes a integral lista da enorme colheita, menos a monetaria (já se vê), d'onde se infere que muitos amigos tive-

ram a mesma ideia: trez talheres de prata, diferindo apenas as caixas onde contidos; quatro relgios, dois paios, oita garrafas (rotulos diversos do Porto) e muitas outras que o reporter já conhece *de visu* de encontros anteriores. Estas datas são recordadas sempre com entusiasmo pelos beneficiados que depois se comprazem em mostrar aos amigos e visitas o conteudo das *vitrines*, feitas propositadamente para encerrar uma collecção grandiosa de boquilhas, cigarreiras, oiros e pratas variadas em promiscuidade com alguma lata de farinha lactea Nestlé, ou algum pacote de rapé quando se trata de caracteristicas viciosas. Todas estas manifestações do entusiasmo publico nos parecem boas. Cada espectador tem o seu criterio especial na escolha do objecto a offertar.

Sobremodo interessante devia ser um inquerito individual porque motivos de eleição este offereceo aquillo e não comprou isto, e que noção de utilidade cada um d'elles encontra no objecto enviado.

Pois digam-nos; para que serve a um actor uma collecção de thermometros ou de barometros? Avaliadores do calor, da pressão! Teem valor estimativo e quantitativo! De sorte que de parceria com os paios de Arrayolos, ao entrar no *bric-a-brac* domestico d'um actor ou d'uma actriz a gente hesita se está no Observatorio astronomico, na Casa do Miramon, ou na salchicharia da Praça da Figueira.

ALA DOS NOVOS

A uns olhos!

Olhos que são dois céos d'escuridão peregrina,  
Profundos como o mar, tristes como a tristeza,  
Que fascinam a alma e a minha teem preza  
No divino fulgôr da sua luz divina.

Olhos que são a biblia onde o coração reza  
Quotidianamente a prece matutina,  
— Doce poema d'amor que a padecer ensina  
Tão cheios são de magua e cheios de belleza!

Abençoado seja o beijo que os gerou,  
Bendita seja a dôr, (fecundada entre abrolhos)  
Que se tristes os fez, mais lindos os tornou!

Olhos feitos de treva e gottas de luar,  
Olhos feitos de luz, e luz d'estes meus olhos,  
Que cegaram d'amor de tanto os namoraram!

ARTHUR CORRÊA D'OLIVEIRA

Cardozo & Correia Photographos

Trabalhos em todo o genero

Rua da Palma, 37

\* \* Medalhões artisticos \* \*

Cecilia Machado

Como Lucinda do Carmo, como Adelina Abranches, como tantas outras, mais uma actriz que passou dos palcos particulares para a ampla scena do theatro publico. Emquanto a nossa escola dramatica só nullidades tem produzido, os verdadeiros talentos manifestam-se quasi que espontaneamente, sem peias, sem regras que se lhe imponham, mas que sabem como que adivinhar.

Cecilia Machado começou, attrahida pelos fulgores da scena, a desempenhar diversos papeis de comedias em theatros de salla, procurando distrair-se da monotonia d'uma vida de trabalho. As suas qualidades artisticas revelaram-se logo, dando ao desempenho dos papeis que lhe eram confiados um relevo que a pôz immediatamente em evidencia.

Deram-lhe fóros de estrella os amadores que a acompanhavam, tomando o seu nome para emblema d'um grupo dramatico.

Os triumphos alcançados como amadora em diversos generos de comedia e opperetta, taes como nas *Intrigas no Bairro*, nos *Palhaços*, no *66*, no *Canto Celestial*, no *Ditoso Fado*, no *Ao Luar*, no *Ciume com ciume se paga*, etc., aplanaram-lhe o caminho para a scena dos nossos primeiros theatros.

Teve Cecilia Machado o condão de encontrar aberto ao seu formosissimo talento o nosso theatro normal, debutando em 26 de Outubro de 1900 na comedia em 4 actos, *O Pápa Flôres*, traduzida do allemão por Freitas Branco, desempenhando a parte de Valentina com applauso d'um publico, talvez o mais exigente de todos os nossos theatros.

Estava consagrada a actriz e os louros que colhera como amadora ia vel-os reverdecer na casa de Gil Vicente. Accidentada era então a quadra que atravessava o nosso theatro normal: Lucinda do Carmo, Laura e Delphina Cruz tinham

abandonado a scena. Foi Cecilia Machado que teve de as substituir, tornando-se um dos sustentaculos da Sociedade Artistica.

Acompanhou ainda os seus collegas nas temporadas de verão no theatro da Trindade, desempenhando entre outros os papeis de *Fanfan* nos *Dois Garotos* e *Aurora* n' *Um drama no fundo do mar*.

Premiaram-lhe o excessivo trabalho e o acerto com que se houve na difficil interpretação de tão vastos e variados papeis, elevando a a societaria de terceira classe, sendo mais tarde promovida á segunda; e quem sabe se as vagas deixadas pela fallecida Carolina Falco, por Angela e Luiz Pinto, lhe estarão indicando um lugar na primeira classe, recompensando-lhe assim a dedicação e constancia que ella tem mostrado á Sociedade Empresaria.

Entre as manifestações pujantes do seu talento excepcional conta Cecilia Machado no seu vastissimo repertorio as personagens da *Sylvia* em *Os Romanescos*, *Mathilde* na comedia em 1 acto *Um anjinho da pelle do diabo*, *Dorothea* em *A Irmã mais velha*, *Suzana* no *Casamento de Figaro*, *Emma* na *Escola antiga*, *Frederica* em *A pedra de toque*, *Maria* na *Lua de Mel*, *Theresa* no *Amor de Perdição*, *Carolina de Santa Geneux* em *O Marquez de Villemer*, etc., etc.

A Fortuna, a grande Deusa, parece ter despegado os pés da roda giratoria em que se apoiava e ter reclinado tran-

quillamente a cabeça no seio de Cecilia Machado, abandonando-lhe aos pés a appetecida cornucopia.

Oxalá que o somno da Deusa no regaço da formosa actriz seja profundo e que a cornucopia não cesse de lhe lancar aos pés todas as felicidades que lhe desejassem.



CECILIA MACHADO  
Clíché Cardoso & Corrêa

## A arte na esgrima

Foi sempre o *Bello*, apanagio das armas.

Enaltece-as a *Arte*, cujo elevado sentimento, ao brotar no espirito humano, se prenderá logo á sublimidade da singela coragem que em risco da vida ellas pedem a quem as maneje.

Nos circos romanos apupavam já as turbas os que, vencidos pela força e destreza, moribundos, não respeitavam em si proprios até ao ultimo alento, além do valor, a correcção e elegancia das aprendidas manieiras.

Depois, mais nobres, aformoseou-as ainda a *Arte* em cinzeluras nos ferros, e em galas nos que as empunhavam em homenagem das bellas e em desaggravo da Honra.

E no descanso da paz eram festivas as armas, procurando-se no seu exercicio, recreio para o espirito em lutas que a par fortaleciam o corpo.

Hoje a Patria, para auxilio da qual principalmente assim se preparavam, defende-se a tiro; as bellas, para se entregarem, dispensam os antigos reptos; e se a Honra por vezes acorda, pedindo ás armas brancas desforço, a luta é despida de adornos.

E' mais sciencia do que Arte, hoje, o seu terçar.

E' mais prosaica a sua cultura.

Mas, quando presentemente ainda, para aquelle fim ou para hygiene, se recorre ás armas, por mais que se dispensem atavios, a *Arte*, na fórma, tem de ampara-l'as sempre se não quizerem morta de todo a esgrima pelo fastio de quem assim a exerça.

A Venus de Milo, é ainda para os nossos olhos, bella por muito positiva que seja a nossa existencia.

Mantemos pois nas armas a belleza do seu manejo, sequer.

Procuremos que vibre ainda ao contacto do ferro, a nossa alma, sem ser no simples afan de vencer o adversario. Haja graça nos modos, harmonia na acção. Engrinalde-se a victoria para que até do vencido se torne risonha.

Uma boa estocada a fundo, lançada a proposito, em cheio, ao peito contrario, com a arma em opposição, a mão alta e a cabeça erguida agradará mais, e ainda aos olhos das bellas, e será mais facilmente esquecida por quem a receba do que uma *picada* trocada ao acaso, de cocoras, com o braço curvo e a cabeça sumida nos hombros.

Continuará sempre essencial para a vida da esgrima a cultura da *Arte* e do *Bello*.

ED. DE MONTUFAR BARREIROS.

## CAMISARIA UCEDA & SILVA

Sempre novidades

102, Rua de S. Nicolau, 104

## JOÃO ANJOS

Fabricante de **Medalhas** estampadas

em qualquer metal para corridas, regatas, etc.

Especialidade em emblemas esmaltados

121, Rua de S. Roque, 123

## CASA DOS ESPARTILHOS



SANTOS MATTOS & C.<sup>A</sup>

Lisboa

Rua Aurea, 125

## SALA DAS PEROLAS

### Pinheiro Chagas

Não ha faculdade que forme os oradores, como a memoria. Por isso, era a eloquencia a qualidade primacial de Pinheiro Chagas. E quando digo a eloquencia, não applico a palavra no sentido restricto. Tomo-a na sua mais larga acceção: o talento de encontrar, quer escrevendo quer orando, a expressão vibrante e pittoresca do pensamento. Ora, em todo o extenso catalogo bibliographico de Pinheiro Chagas, a eloquencia predomina sempre, como na prosa latina do seculo aureo. Pode dizer-se que as idéas nunca lhe surgiam no cerebro senão ataviadas com as galas de uma vestidura opulenta e lampejante. N'esse meridional, dentro do qual sentilava o espirito gaulez, não prevalecia o culto hellenico da nudez esculptural. A imagem e a metaphora não eram n'elle o fructo de um processo laborioso e premeditado; acudiam-lhe aos labios ou aos bicos da penna como fórma espontanea de linguagem.

(Elogio historico de Pinheiro Chagas)

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

Longe, bem longe, na amplidão celeste,  
a estrella brilha, com o brilhar seduz;  
e o pastor geme, sobre o monte agreste,  
cravando os olhos na adorada luz!

No sêro altivo ergue-se a flôr vermelha,  
exhala aroma que não tem rival;  
co'a debil aza namorada abelha  
debalde aneia por se erguer do val!

Tu és a rosa que fragancia expira,  
eu sou a abelha que no val morreu;  
sou o pastor que ao ideal aspira,  
tu és a estrella que illumina o céu!

Estrella, segue a radiosa estrada!  
Rescende aromas, orgulhosa flôr!  
E oh! nunca sonhes que assim foste amada,  
oh! nunca saibas que morri de amor!

(Da *Morjadinha de Val Flôr*)

PINHEIRO CHAGAS

### Cantiga

Toda esperanza é perdida  
Tudo veiu a fallecer,  
E o que inda fica da vida  
Ficou para mais perder.

### Volta

Aquella esperanza minha  
Assim fraca e vã como era,  
C'os olhos que eu n'ella tinha  
A todo mal me atrevera.  
Ora ella está já perdida  
Mas não me hão-de fazer crêr,  
Que não ha mais n'esta vida  
Senão nascer e morrer.

(Cantigas)

SÁ DE MIRANDA.

Os que mais sabem do mar  
Fogem de ouvir as Sereias,  
Eu não me pude guardar,  
Fui vos a vêr, e escutar,  
Fiz minh'alma e vida alheias.

(Esparsas)

SÁ DE MIRANDA.

## ENCADERNAÇÕES em todos os generos

Carlos Rodrigues Azevedo

27, C. do Sacramento, 29

(AO CARMO)

## ANTONIO MONTES

Os aficionados da tauromachia perderam ultimamente um dos melhores toureiros contemporaneos.

Antonio Montes, o sympathico artista sevilhano, tão estimado em Hespanha como em Portugal, em França como no Mexico, falleceu na capital d'esta ultima republica, em consequencia de uma colhida que recebeu na tarde de 13 de janeiro ultimo, ao matar o segundo touro, de nome *Matajacas*, n.º 42, cardeno escuro, pertencente á ganaderia de Tepeyahualco. Foi no dia 18 de madrugada, cinco dias depois, que, sobrevindo complicações, o valoroso matador entregou a alma a Deus, estando rodeado de Fuentes e de Ricardo Torres, e das respectivas *cuadrillas*.

Desde os companheiros do infortunado matador até ao seu medico assistente, ninguém esperava tão fatal desenlace, havendo até esperanças de que Antonio toureasse a corrida de domingo immediato.

Antonio Montes, sem ser um toureiro completo, pois ás vezes era bastante desegual no trabalho, era no emtanto dos espadas da actualidade um dos poucos que se impunha verdadeiramente não só pelo seu toureio fino e artistico como pela valentia.

O desventurado artista era tambem excessivamente modesto e respeitador dos publicos: tão bem accetivava a manifestação mais carinhosa e imponente que o publico lhe fizesse, como recebia os maiores protestos de desgosto, de que muitas vezes até as summidades são alvo, em quantas occasiões sem a menor rasão de ser... Boa qualidade esta, tão rara hoje nos modernos lidadores, mesmo n'aquelles que nada valem.

Antonio Montes deixou um lugar difficil de preencher, na arte que cultivava. O seu nome era obrigado nos cartazes das principais corridas que se organisavam não só em Hespanha, como tambem no estrangeiro.

No Mexico sustentou Montes, na temporada de 1906, uma das maiores competencias de que teem memoria os aficionados. d'aquella republica, a ponto dos seus partidarios serem classificados de fanaticos, e os conflictos repetem-se na praça sempre que toureava o sympathico matador, pelo motivo dos admiradores de Antonio Fuentes e Ricardo Torres, que tambem alli os teem em

grande numero, muitas vezes hostilizarem o seu toureiro predilecto.

A preponderancia que Antonio Montes tinha n'aquelle paiz era tal, que levou a empresa a contractal-o para a temporada de 1907, muito antes de terminar os seus compromissos em 1906, tão certo estava de que não poderia manter-se sem ter o nome do laureado artista no numero dos espadas escripturados. Mal pensariam, porém, os aficionados mexicanos que, depois de tantas tardes de gloria, veriam morrer no seu solo o toureiro que mais louros alli conquistára nos ultimos annos.



ANTONIO MONTES

Antonio Montes era mais matador que toureiro, approximando-se muito o seu trabalho do não menos infortunado *Espartero* e do valente *Algabeño*, não só por ser o espada que mais imitava aquelles no estylo como pela sua excessiva valentia á hora de matar e nos quites aos picadores, que rematava com *summa elegancia*.

Toureando de capa, não tinha, agora quem o igualasse. Aquella maneira de abrir o capote aos touros, com os pés parados como se os tivesse pregados ao solo, deixando as rezas fóra com uma precisão admiravel, valeu-lhe grande e justificadissimo renome. Em Portugal era Montes muito applaudido sempre que exhibia esse toureio, classico de verdade, o qual lhe proporcionou grandes e espontaneas ovações.

Antonio Montes estava hospedado no hotel Edison.

O funeral revestiu desusada imponencia, visto as muitas sympathias que o chorado artista disfructava no Mexico.

Diante do corpo, que foi exposto, n'uma das salas do hotel, armada em camara ardente, disfilou uma multidão difficil de calcular; assim como extraordinaria foi a massa de povo que formou alas nas ruas, quando a urna foi levada para bordo do vapor *Manuel Calvo*.

Em Sevilla, o funebre cortejo, na conducção para o cemiterio, não revestiu menos aparato: as ruas da passagem estavam completamente coalhadas de povo, tornando-se impossivel transitar.

Era a ultima homenagem prestada ao toureiro querido!

## Chronicas musicaes

«La musique écoute toutes les voix, qu'el les chantent au dehors ou au dedans de nous.»

BELLAIGUE.

**SUMMARY:** — *S. Carlos*: Uma opera portugueza em S. Carlos, o *Amor de Perdição* de João Arroyo, verdadeiro acontecimento artistico, S. Carlos é o *Pólo Norte* dos nossos compositores, operas recusadas sem razão de ser, inicio de uma nova epoca, o que diz uma revista de Paris, o libretto, valor da partitura, do desempenho apenas se salva a orchestra, o maestro Mancinelli e a cantora Gagliardi, o resto um verdadeiro desastre, indigno do nosso theatro; estreia do baixo Delmas, grande artista, a opera *Mephistopheles*, seu desempenho.

**Concertos** — Salão do Conservatorio; *Grande Tuna Feminina* sob a regencia de Alfredo Mantua, *matinée* organizada por Christina Mouchet.

O ter-se cantado este anno em S. Carlos uma opera portugueza, e sobre tudo ter sido tão *facilmente* recebida, marca no nosso meio artistico um acontecimento, de tanto alcance que se torna necessario frizar-se bem, e não passar por cima d'elle o manto do esquecimento ou melhor ainda o do indifferentismo. Todos nós sabemos que para os nossos compositores d'opera, o theatro de S. Carlos é um ponto quasi inacessivel, o *Pólo Norte* dos nossos compositores, raro é aquelle que consegue vêr coroado o seu trabalho, ou por outra vêr executada a sua obra no nosso primeiro theatro lyrico.

Ora por culpa das emprezas, ou por culpa dos governos que não as obrigam a admittir obras nacionaes, ou talvez por falta de tacto dos compositores, o que é uma pura verdade, é que os auctores nada conseguem, nascendo d'aqui uma fatal inercia, uma falta de acção, ficando a arte nacional resumida quando muito a musicas para revistas, ou uma ou outra operetta e nada mais!

Por isto, esta *facilidade* tão expontanea da empreza de S. Carlos em pôr em scena a opera *Amor de Perdição* de João Arroyo, que devemos traduzir, e temos obrigação de acreditar, que foi com um fim altamente altruista para a arte musical portugueza, é digna dos maiores encomios; é sempre bom elogiar quem deveras merece. Talvez seja uma especie de arrependimento, porque bem sabemos que ainda ultimamente, Oscar da Silva e Frederico Guimarães fizeram a dilligencia para verem cantadas as suas operas, e apezar das conhecidas e habituaes promessas, o segundo ficou com a partitura em casa, e o primeiro teve que a ouvir no Colyseu, devido á boa vontade do emprezario Antonio Santos, que a poz em scena com todo o luzimento. Ora tudo isto terminou, pelo menos devemos ter a certeza d'isso; d'hoje para o futuro todos os compositores teem direito a verem executadas as suas obras em S. Carlos, a epoca das desculpas terminou. Agora passarão de vez em quando perante os olhos do publico de Lisboa, trabalhos musicaes portuguezes; pouco a pouco o nosso nome ficará cada vez mais conhecido no estrangeiro, e assim para o futuro não lermos nos jornaes de lá de fóra, o que diz o ultimo numero de *Menestrel* «*Le theatre San Carlos de Lisbonne a donné, fait assez rare, dans les premiers jours de ce mois, la première représentation d'un ouvrage dû à un compositeur portugais*» !!

É necessario que o publico portuguez deixe de olhar com desdem para operas portuguezas porque é mister notar, que ha por cá alguma coisa superior a quantos *Cabrer*as nos queiram impingir.

Posto isto, passaremos ao principal assumpto d'esta *chronica* que é simplesmente transmittir a todos aquelles que tiverem a paciencia de me lerem, as minhas impressões nascidas apenas de uma audição ao piano, convite gentilmente feito pelo sr. João Arroyo, e agora por ter ou-

vido uma vez a opera cantada no nosso theatro. Não podemos assistir á primeira noite, porque obedecemos cegamente á ordem imperiosa da *grippe*, mas depois esta teve compaixão de nós, e lá podemos ir ouvir-a ahi pela terça ou quarta edição, não digo que seria correcta e augmentada, mas talvez um pouco mais segura que decerto seria na primeira noite, que é sempre peor que no *ensaio geral*.

Bellamente dispostos e tendo ainda na mente os artigos laudatorias da imprensa diaria, esperamos tranquillamente que o maestro Mancinelli atacasse os primeiros compassos da partitura.

O assumpto em que João Arroyo se inspirou para o seu drama musical tem sobretudo uma qualidade, é ser essencialmente portuguez. O notavel romance do grande escriptor Camillo Castello Branco *Amor de Perdição*, cujas paginas são um vivido quadro d'amor, cheio de lances dramaticos, despertou em um escriptor, e em um musico, assumpto palpitante para as suas obras, assim D. João da Camara deu-nos uma peça dramatica, e João Ar-



A SR.ª GAGLIARDI  
A notavel «Thereza» no Amor de Perdição  
Clithé Arnaldo Fonseca

royo uma opera; o estylo burilado do auctor dos *Velhos*, resumio toda a acção dramatica, assim como João Arroyo traduziu atravez dos sons aquelle amor ardente, aromatisado de sentimento e de paixão!

O libretto aproveita pouco as passagens principaes, o que é para lastimar. Não irei descrever todo o libretto, porque o assumpto é assaz conhecido, pelo menos deve ser de todos aquelles que conhecem a obra de Camillo, por isso passaremos a analysar por alto o valor da partitura.

João Arroyo quiz dar inicio á sua opera por um preludio que resumisse os principaes themas do seu drama lyrico.

E' um trecho que se impõe, pela sua alta feitura, e pela forma admiravelmente feita como estão conjugados os diversos instrumentos; revela-se logo um profundo conhecedor da forma de orquestrar, o que não é facil encontrar-se. N'estas paginas, em que a phrase é larga e sonora, ha um crescendo admiravelmente conduzido, cahindo pouco a pouco no pianissimo. Este preludio que se pode destacar do resto da opera, é uma bella peça de concerto.

Abre-se o panno, e temos um côro dialogado, que achamos pouco interessante, talvez pela pessima execução que teve.

N'este acto temos que destacar o arioso de Simão, antes do duetto com Thereza, trecho repassado de sentimento, aqui a orchestra vae preparando pouco a pouco a entrada da filha de Thadeo, e o duetto d'amor, que embora inferior ao do ultimo acto, tem phrases inspiradas em um estylo musical de primeira ordem. O final do acto achamo-lo bastante frouxo, e pouco intenso.

O 2.º acto temos a notar a fabula da Cigarra, o os bailados que são de uma delicadeza notavel de estylo. Desejavamos antes que os bailados fossem caracteristicos das danças portuguezas, iriam melhor com o meio. Porque, o que as bailarinas dançam, é simplesmente ridiculo para um meio tão essencialmente portuguez; E' como vivem á móda do norte e por debaixo das saias em *mail-lot* côr de rosa!!! e sapatos de seda da mesma côr!!! Só em S. Carlos!!!

A pagina principal d'este acto é o *concertante*, trecho que causa entusiasmo! Desde a phrase lançada pela cantora Torreta, até á phrase sentimental de Thereza, e depois as combinações de todas as vozes é um trabalho de grande mestre.

Chegamos ao 3.º acto, n'este aproveita-se tudo, é o melhor da opera. O côro interno das monjas, é cheio de unção religiosa, a aria verdadeiramente dramatica de Thereza, é uma pagina arrebatadora de sentimento, cada desenho melodico, pinta-nos a tristeza regada pelas lagrimas do infortunio, e depois a grande phrase da orchestra, em que os violinos parece chorarem de dôr, subjugam um auditorio!

O duetto final é um ponto capital, a phrase melodica nasce espontanea, cheia de franqueza; o final d'este trecho, é então verdadeiramente notavel, quando o côro vem dar mais vida áquelle quadro todo elle triste, e profundamente doloroso. O côro de marinheiros muito ao longe, é um perfeito colorido áquelle quadro! A musica nos seus ultimos desenhos pinta-nos a saudade, a morte pelo amor, e assim termina a opera!

Do desempenho, exceptuando a orchestra, o maestro Mancinelli e a cantora Gagliardi, foi um verdadeiro desastre indigno do nosso theatro!

O maestro Mancinelli, com a sua alta competencia, soube tirar effeitos magnificos, regendo admiravelmente, e tirando colorido das passagens principaes da opera.

A cantora Gagliardi, artista intelligente, incarnou-se admiravelmente no papel de Thereza, estudando-o com verdadeiro criterio. No duetto do 1.º acto, na phrase do final do 2.º acto, e finalmente na difficil aria do 3.º foi de veras admiravel; a sua magnifica voz traduziu perfeitamente toda a tristeza da sua alma, todo aquelle drama intimo! D'aqui lhe enviamos as nossas felicitações.

O barytono Bonini, que aliás é um cantor correcto, não soube dar á personagem de Thadeu d'Albuquerque, o aspecto de um pae feroz; o seu rosto phisionomico não dizia nada. Manda a filha para um convento com a mesma cara como se lhe pedisse uma chavena de chá!

A cantora Torretta, fez o que poude; a sua voz cada vez é mais abafada, apenas disse uma phrase razoavelmente: foi a do principio do *concertante* no 2.º acto.

A empresa mandou vir dois tenores para esta opera, os artistas Fazzini e Russitano, qual d'elles o peor! Nem vozes, nem saberem cantar, absolutamente nada! Houve muitas passagens na opera de que não podemos fazer uma justa ideia, porque cantadas assim tão mal é impossivel fazerem effeito! Francamente, a empresa do nosso primeiro theatro lyrico, devia para uma opera portugueza gastar mais um pouco, e não escripturar artistas d'esta ordem, que nunca deviam pisar o palco de S. Carlos!!!

E os côros? Que serie de desafinações! Aquellas co-ristas do 1.º acto, que vestidos aquelles! Algumas pareciam que tinham sahido da cama, talvez n'aquella epoca houvesse muito calor... os convidados que sahiam da casa de Thadeu eram sempre os mesmos! Fez-me lembrar os regimentos que figuram em alguns theatros, que entram por um bastidor e sahem pelo outro! Inacreditavel. E haver publico e assignantes que se não revoltam! Francamente, são de boa bocca!

Resumindo: a opera de João Arroyo, embora seja uma obra que evidentemente dê a conhecer ser a primeira d'um compositor, tem trechos dignos de nota. Gagliardi, Mancinelli e a orchestra, tiveram as honras do desempenho, o resto um verdadeiro desastre!

— Para estreia do baixo Delmas cantou-se a opera *Mephistopheles*. Delmas, é um verdadeiro artista francez; está n'isto o maior elogio que lhe podemos fazer. Trabalho magnifico, artista intelligente e boa voz, foi applaudido como merecia.

Appareceu-nos quasi de surpresa a cantora Picoletti, já nossa conhecida do anno passado quando cantou a *Fedora* regida por Giordano. Agradou com justiça, sendo muito applaudida e bisando a *nenia*.

O tenor Viñas, admiravelmente; é opera para a sua voz. O epilogo foi cantado com brilhantismo!

— No Salão do Conservatorio, realisou-se em a noite 16 uma festa de caridade, promovida pela *Grande Tuna Feminina* sob a regencia do maestro Alfredo Mantua. Foi um programma magnifico; alem de varios monologos, romanzas e cançonetas, a *Tuna* executou brilhantemente varias peças, agradando-nos principalmente na *Danse des Bacchants* de Gounod, que foi tocada brilhantemente.

O *concerto* promovido pela eximia pianista Mouchet, foi admiravel. Esta distincta artista executou ao piano peças de Mozart, Beethoven, Grieg, Rheniberger, Schumann, Rameau, e Liszt, revelando uma technica assombrosa e uma fina educação musical. Executando trechos de generos tão differentes em todos elles se revelou uma bella artista com qualidades raras de se encontrarem. Teve continuas ovações, como bem merecem os seus bellos dotes de pianista.

O tenor Viñas, cantou deliciosamente, executando fóra do programma *D. Clara* de Gastaldon e *La Partita*.

A cantora Clasenti, foi muito applaudida, como merecia. O salão estava completamente cheio.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



**PASTA "COURAÇA,"**  
A MELHOR PARA OS DENTES  
PODEROSO ANTISEPTICO  
200 REIS

**A. D'ABREU**

**JOALHEIRO**

SEMPRE NOVIDADE

Rua do Ouro, n.º 57, 59

✻ LISBOA ✻



Trindade, **Jogo Franco** — D. Maria, **A Marechala**  
Colyseu dos Recreios — Velodromo

A revista de *Esculapio* e *Morpheu*, que ainda se conserva em scena na Trindade, mercê do seu faustoso guarda-roupa e primoroso trabalho de *mise-en-scène*, lembrando d'algum modo as excellencias deslumbrantes das *Tangerinas Magicas* e *Viagens de Gulliver*, está falha, como toda a gente o sabe, de allusão aos acontecimentos politicos mais dignos de *charge* e aos factos dominantes do anno pseudo-revistado merecedores de flagello. O que principalmente existe no *Jogo Franco*, ingrata revista perfillhada por dois nomes consagrados, é a allusão que não faz luz n'aquella noite *caliginosa* em que não é possível revelar um *negativo* que dê a boa e nitida impressão das grandes imagens que fazem escancarar a bocca e desopilar o figado. Eduardo Fernandes e Penha Coutinho, escriptores e jornalistas, talvez cofiantes na arte a empregar ou porventura na brilhantissima collaboração de Taveira, com os figurinos de Abilio Guimarães, deram-se ao pequeno trabalho de carrear uma peça d'um desintencionalismo quasi absoluto, que a *burra* do empresario lá vae puxando ladeira acima, ingreme e tormentosa.

E' de nossa humilde opinião que o calvario — e é isso bom para toda a communidade — ainda vem longe, porquanto no capricho de Taveira e em mostruarios de guarda-roupa muito ha que admirar e mesmo assim no scenario que é de seguro effeito e de bello polychromatismo scenographico.

A musica de Luiz Filgueiras e Filippe Duarte muito bem coordenada e a parte original pouco tem de monotonia.

O desempenho redundou n'uma concorrência de aptidões varias, dignas de encomios salientando-se nos seus trajos de riqueza as sr.<sup>as</sup> Thereza Taveira e Emilia de Oliveira.

O theatro normal representou a *première*, n'esta epocha, da *Marechala*, comedia traduzida por Eça Leal e que ha annos fôra representada com grande successo, como agora, pela ovacionada actriz Anna Pereira. Em todos os actos, mas especialmente na scena da alegria do 2.<sup>o</sup> em que a plateia emotivada dá curso á intensidade dos applausos, a talentosa actriz que parece remoçar é muito apreciada pela verdade, por vezes rude, com que interpreta a personagem fazendo sentir, rir e commover a plateia inteira. Depois de Anna Pereira destacaremos os papeis de Joaquim Costa, no marechal, Augusto de Mello, no marquez timido e confiado, Ignacio, no creado, e os restantes que partilharam do desempenho, taes foram as

actrizes Cecilia Machado, Delphina Cruz e Maria Pia e os actores Carlos e Theodoro dos Santos.

O acontecimento mais notavel da quinzena no Colyseu foi por certo a festa artistica dos *clowns* Antonet e Walter, que francamente conquistaram o nosso publico, como os dois reis da gargalhada e que o activo e intelligente empresario e commendador Antonio Santos nunca se esquece de contractar para toda a epocha de inverno. De resto alli fizeram um notavel successo ás lindissimas mulheres que são a Imperio e a Fornarina, a notavel harpista Pia Carozzi, alem do animatographo colossal que alli chamou basta concorrência apezar da enorme legião dos pequenos aparelhos cinematographicos que se encontram espalhados pela cidade.

O Parque de Palhavã abriu a 19 com a corrida de inauguração, no dia de S. José, dia onomastico do mais impulsivo dos jornalistas sportivos a quem o sport nacional muitissimo deve, e nós outros admiramos, tão sómente por sua inquebrantavel energia, porquanto possui reaes facultades de organisador brilhante, quer no subtil anonymato quer na franca revelação do seu nome subscripto. — Toda a gente o sabe: — no firmar d'um artigo, na organisação d'um programma ou na systematica, *jurydica* distribuição dos nomes que se entendem para vigiar as regras convencionaes e admittidas no actual periodo de evolução sportiva, as duas iniciaes J. P. representam um nome grandiluoquo e corrente que de modo algum podemos traduzir por qualquer *Jozépereira* carnavalesco. Um dubio juizo critico sobre o valor nominal que essas iniciaes representam seria intempestivo, insidioso e desleal. A chancellia que d'ellas tomar conta será indestructivel, inatacavel pela acidulada e perversa opinião alheia... a estes *faits divers* do progressivismo sportivo.

José Pontes, actual organisador de corridas velocipedicas ao lado do competentissimo Conelli, director do primeiro bi-semanario de sport que ainda existe em Portugal e no Brazil, nosso dilecto e inseparavel amigo nos multiples aspectos porque temos encarado a vida publica, deu-nos o espinhoso cargo de commissariar, com outras entidades de entendimento magno, as corridas velocipedicas no Velodromo de Palhavã.

Para o desempenho e integração de taes funcções en-

tendemos, possivelmente de criterio erroneo, os mais sa-  
dores o dirão, que não era preciso *capello e borla*, muito  
embora *borla* houvesse na nossa entrada para a assisten-  
cia, vigiando o exacto

cumprimento d'um  
livro regulamentado.  
De sorte que se a *borla*  
existe o *capello* falta  
faz, entanto que a con-  
solação nos resta de  
que a *faculdade* não  
tem doutorandos por  
ahi além, que se possa  
formar um conselho  
de decanos formalis-  
sado com os precon-  
ceitos e sabedoria de  
uma velha antiguida-  
de, symbolisada no  
sr. Saude Junior como  
pittorescamente refe-  
re o sr. Magalhães  
Fonseca.

Atraz de tempos  
outros vêm e porque  
agora o original abun-  
da e a revista não  
pode soffrer delongas;  
no proximo numero  
diremos á custa do  
criterio alheio o que  
tem sido a actual epo-  
cha cyclista, pois que  
como o mais tremen-  
do dos pescadores ca-  
himos, infelizmente,  
na mais ignobil das  
supeições.

Até lá continuare-  
mos a ser o mesmo  
humillimo commissario  
com responsabilida-  
des individuaes e col-  
lectivas, accetando de  
bom grado os ensina-  
mentos de toda a com-  
muidade, sem des-

leaes reservas nem anonymatos por isso que nos assigna-  
mos com moradia e firma, para prompto allivio de quem  
o ignore.

Rua Nova do Almada, 50.

ANTONIO DA COSTA FERREIRA.

### Secção de Photographia do Salão de Jogos

Completo sortimento de material photographico de  
todas as qualidades e auctores.

Preços os mais baratos do mercado.

48, Rua Nova do Almada, 52

## CENTRO HYPPICO ESCOLA DE EQUITAÇÃO

Dirigida por ANTONIO CORREA

Equitação para senhoras homens e creanças

Ensino de cavallos em baixa e alta escola

Rua Alexandre Herculano, 111 — AVENIDA



MICHELIS — Corredor belga  
actualmente no Velodromo de Lisboa.

## TAUROMACHIA

A segunda corrida da época, effectuada no dia 17 de  
março, foi a primeira, na actual temporada, da tal serie  
com que sômos mimoseados ha uns bons pares de annos  
— um touro bravo para nove mansos!...

D'esta fórma, não cançaremos muito os leitores com  
a descripção d'aquella *coisa*!

Artistas, quasi os mesmos, o que parece vir a dar  
certo no boato que corre da  
exigencia de alguns. Veremos.



MACHAQUITO

Os touros, do sr. Manuel  
Duarte de Oliveira, excepção  
feita ao quarto, que era um animal  
voluntario, sahiam maus,  
uma refinada sucia de mansos!  
Estavam, entretanto, bem apre-  
sentados, e por tal motivo me  
rece elogio o ganadero, que  
ainda é um dos poucos que tem  
gosto e que cuida da casta, em-  
bora não a veja progredir.

Os cavalleiros, Manuel Ca-  
simiro e Morgado de Covas, assignalaram mais um tre-  
mendo *fiasco*!

Pobre arte de tourear a cavallo!

Manuel, no primeiro, não passou de regular, quando  
n'esse *paliteiro* podia e devia fazer muito melhor figura  
do que fez, pois o animal era d'esses que consentia tudo;  
no seu segundo, fez *reprise* da sua nova fórma de tou-  
rear, citando em Lisboa com o touro em Cacilhas, re-  
sultando lhe por consequencia aquella *belleza de hortaliça*  
que todos presencéamos — ou ferros a cabeça passada, ou  
pau e bola!...

O que não admira: como se póde, assim, medir terre-  
nos?!...

*Gaiolas*, nenhuma. Isso, foi tambem uma coisa que se  
apregoava e se fazia, ahi ha tres ou quatro annos. Agora,  
combina-se com os peões como se hão de *papar*!

Morgado de Covas, esse, continúa o mesmo do anno  
passado, do outro anno, e ainda do outro. Mais que pre-  
cipitado, precipi-  
tadissimo.

O primeiro  
touro que lhe cou-  
be, o quarto, o me-  
lhor que veio no  
curro, um touro  
fão nobre que qua-  
si ensinava como  
se devia tourear,  
não poude ser  
maismaltrabalha-  
do! No seu segun-  
do, que não ti-  
nha as condições  
d'aquelle, isso en-  
tão é melhor não  
falarmos!

Uma calami-  
dade para a tou-  
reria montada,  
francamente!

A salvação da  
corrida foi *Machaquito*. Sem elle, o *desastre* teria sido  
completo.

Trabalhador, como sempre, teve pares de bandarilhas  
de primeira ordem, com a muleta arrimou-se a valer e  
executou passes de grande valor e effeito, e com o capo-



MANOEL DOS SANTOS — Um quiebro de rodillas



te, além de umas boas verónicas, mimoseou o publico com uma *larga* que lhe valeu bastantes applausos.

Emfim, *Machaquito* foi o salvador da corrida, e bem mereceu as atenções que a assistencia lhe dispensou.

Da nossa gente de pé, Theodoro, Cadete, Manuel dos Santos e Rocha, foi Cadete o que melhor esteve; Rocha, simplesmente aceitavel; Theodoro e Manuel dos Santos, impossiveis, principalmente no touro em que alternaram: parece que estavam apostados em qual dos dois havia de fazer mais disparate; e, em verdade, não sabemos qual ganhou!

*Patatero*, o bandarilheiro do espada, não esteve nas suas melhores tardes. Teve, no emtanto, dois bons pares.

*Malagueño*, coadjuvou bem, e deu um bello salto de garrocha, sorte que offereceu a Sua Magestade a Rainha D. Amelia.

A direcção, do sr. Carlos Martins, acertada. Mas, pelo amor de Deus, acabe com as pégas, pois os forcados são um compromettimento para si, e sobretudo, a vergonha das nossas corridas!...

## GRAMOPHONES

e discos dos melhores auctores

38, RUA NOVA DO ALMADA, 38

LISBOA

# Artigos para Law-Tennis, Cricket e Foot-Ball

Grande sortimento

Salão de Jogos 48, Rua Nova do Almada, 52

Telephone 1231

## Manoel Moreira



Grande e variado sortimento de artigos para photographias para profissionaes e amadores

Artigos de superior qualidade

Execução rapida de qualquer encomenda

PREÇOS MODICOS  
VENDAS A DINHEIRO

**6, R. da Prata, 6**  
LISBOA

## Charles Hill

DENTISTA

Especialidade: DENTES ARTIFICIAES

Rua Ivens, 57, 2.º

Os melhores vinhos de **CARCAVELLOS**, são os da Quinta da Cartaxeira de Annibal Dias Pereira.

Escovas de Dentes: **Senna**

38, Rua Nova do Almada, 38  
TELEPHONE 1231

## LIVRARIA FERIN

Officinas de encadernação e typographia

INSTRUMENTOS DE ENGENHEIRO

Papeis de desenho, tintas e accessorios

Deposito permanente de livros **SPORT**, esgrima, gymnastica, automobilismo, motocyclismo, etc.

Assignam-se todos os jornaes de **SPORT** em qualquer lingua

LIVRARIA FERIN

Rua Nova do Almada, 74  
LISBOA

## Os melhores productos photographicos da actualidade

Chapas **AGFA** Extra-rapidas  
Chromo  
Diapositivas

Reveladores **AGFA** em substancia, tubos e soluçao

Pelliculas rigidas **AGFA** Ordinarias e Chromo

Especialidades **AGFA** Sal viro fixador, Reforçador, Reductor, Luz Relampago, etc.

**Chapas e Pelliculas — ISOLAR** (antihalo)

A' venda em todos estabelecimentos de artigos photographicos

## CONSULTORIO DENTARIO

Saturio Augusto Paiva — Cirurgião-dentista

Pela escola de Paris — Doenças de bocca e dentes

RUA DE SANTA JUSTA 60, 1.º

## Bolas para tennis

SALÃO DE JOGOS

48, Rua Nova do Almada 52

## Bicyclettes Inglezas

A 27\$000

Bicyclettes **JC**

Preços sem competencia

CASA VICTORIA

ARMANDO CRESPO & C.ª

112, Rua do Crucifixo, 114

LISBOA



# TIRO NACIONAL

## 7.ª Filial da União dos A. C. P. em Loanda

Premios do concurso geral

(3 series de 10 tiros no alvo de 8 zonas a 300<sup>m</sup>)

O certamen de Tiro ha pouco realizado em Loanda cujas actas hoje publicamos, foi uma das mais importantes manifestações de propaganda para a patriótica causa do Tiro Nacional.

Se as outras filiaes, quer da metropole, quer do ultramar, lhe seguissem o exemplo, nada mais seria preciso para arregar bem fundo no espirito e no coração de todo o portuguez a grande utilidade de se prepararem convenientemente para a defeza da Patria commum. E, quem diz Patria, diz certamente familia e fortuna, que tudo está comprehendido no limite d'aquellas tres simples mas significativas syllabas.

Sem mais commentarios apenas chamamos a attenção dos nossos leitores para as actas que passamos a descrever:

### Relação dos atiradores premiados no concurso de tiro na carreira da guarnição de Loanda, em 8 e 9 de dezembro de 1906

Premio de honra

(Serie de 10 tiros ao alvo tronco a 200<sup>m</sup>)

Estojo com botões de ouro e brilhantes, para punho, oferecido por ex.ª o conselheiro governador geral e medalha de ouro — Elysió José Ventura, 10 balas no alvo, (1.ª pela serie de desempate).

1.º premio — Estojo com relógio de ouro, oferecido pela cidade de Loanda e medalha de ouro — Manuel Diogo de Araujo, 118 pontos, 26 balas.

2.º premio — Queijeira em prata e vidro, oferecido pela direcção geral do serviço de infantaria e medalha de prata — Joaquim Rodrigues Miranda, 106 pontos, 25 balas.

3.º premio — Estojo com carabina Manlicher, oferecido pelo quartel general e medalha de prata — Cypriano Bispo, 101 pontos, 23 balas.

4.º premio — Estojo com salva de prata, oferecido pela União dos Atiradores Civis Portuguezes e medalha de prata — Joaquim Ferreira, 100 pontos, 23 balas.

5.º premio — Estojo com pistola Parabellum com dois carregadores e 100 cartuchos, oferecido pela carreira de tiro de Loanda e medalha de cobre — José de Sousa Doria, 100 pontos, 22 balas.

6.º premio — Estojo com tinteiro em prata e vidro, oferecido pela Associação dos Atiradores Civis de Loanda e medalha de cobre — José Maria Pinto, 98 pontos, 24 balas.

7.º premio — 100 cartuchos, oferecidos pelo quartel general e medalha de cobre — Francisco Antunes Dnarte, 98 pontos, 21 balas.

8.º premio — 100 cartuchos, oferecidos pelo quartel general e medalha de cobre — Manuel de Sousa Ferreira, 96 pontos, 24 balas.

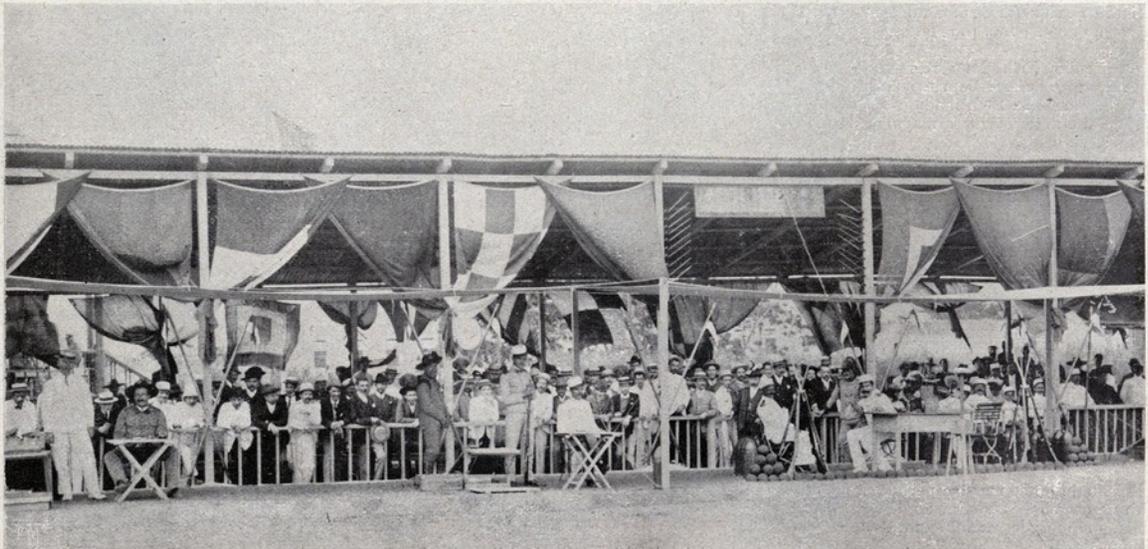
9.º premio — 100 cartuchos oferecidos pelo quartel general e medalha de cobre — Alfredo da Cunha Tamegão, 94 pontos, 24 balas.

10.º premio — 100 cartuchos oferecidos pelo quartel general e medalha de cobre — Francisco Vieira da Costa, 90 pontos, 25 balas.

11.º premio — 50 cartuchos, oferecidos pelo quartel general — Julio Alexandre de Azevedo, 89 pontos, 22 balas.

12.º premio — 50 cartuchos, oferecidos pelo quartel general — Manuel Rodrigues Moreira Palhares, 89 pontos, 20 balas.

13.º premio — 50 cartuchos, oferecidos pelo quartel general — Manuel de Serpa, 87 pontos, 22 balas.



LOANDA — Carreira de tiro no dia do concurso

14.º premio — 50 cartuchos, offeridos pelo quartel general — Antonio Nunes, 87 pontos, 17 balas.

15.º premio — 50 cartuchos, offeridos pelo quartel general — Manuel da Silva, 85 pontos, 20 balas.

16.º premio — 50 cartuchos, offerido pelo quartel general — Augusto Salazar d'Eça, 84 pontos, 20 balas.

17.º premio — 50 cartuchos, offeridos pelo quartel general — José Rodrigues Gonçalves Palhares, 81 pontos, 19 balas.

18.º premio — 50 cartuchos, offeridos pelo quartel general — Elysió José Ventura, 80 pontos, 21 balas.



LOANDA — Taça D. Carlos

2.º premio — Julio Alexandre de Azevedo, 1.º artilheiro n.º 2446 da 1.ª brigada do corpo de marinheiros da armada, 89 pontos, 22 balas.

**Premios extraordinarios**

Offeridos pelos ex.<sup>mos</sup> com mandantes e officiaes da Divisão Naval do Atlantico Sul ás praças de pret melhor classificadas:

1.º premio de 20\$000 réis — Cypriano Bispo, soldado da bateria mixta de artilheria de montanha e guarnição, n.ºs 111/175, 101 pontos, 23 balas.

2.º premio de 10\$000 réis — Joaquim Ferreira, 2.º cabo da bateria mixta de artilheria de montanha e guarnição n.ºs 23/100, 100 pontos, 23 balas.

3.º premio de 10\$000 réis — Julio Alexandre de Azevedo, 1.º artilheiro n.º 2446 da 1.ª brigada do corpo de marinheiros da armada, 89 pontos, 22 balas.

Loanda, 9 de dezembro de 1906. — O jury: presidente, *José Pedro de Lemos*, capitão de infantaria chefe do estado maior interino. — Vogaes: *Jayme Theodorico da Silva Nunes*, 2.º tenente da armada. — *João Henrique de Mello*, tenente de infantaria. — *Antonio Julio Bello de Almeida*, administrador do concelho. — *Joaquim F. Poças Leitão*, presidente da comissão municipal. — *Jorge Guilherme Garcia Capello*, pelo presidente da comissão dos Atiradores Civis de Loanda. — Secretario: *Armando Barretto de Figueiredo Tudella*, alferes de infantaria.

Resultado do concurso especial de tiro na carreira da guarnição de Loanda, dia 16 de dezembro para a disputa do premio *Taça D. Carlos I*, offerido por Sua Magestade El-Rei.

**(2 series de 10 tiros ao alvo tronco 300<sup>ms</sup>)**

Francisco Antunes Duarte, 15 balas no alvo. Premio. Tendo Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, o Bispo de Angola e Congo offerido o premio de um relógio «Longines» para o atirador que obtivesse o seguinte logar na classificação geral, foi este conferido a

Jayme de Oliveira Mello Vieira, 13 balas no alvo. Loanda, 6 de dezembro de 1906. — O jury: presidente, *José Pedro de Lemos*, capitão de infantaria e chefe do estado maior interino. — *Joaquim F. Poças Leitão*, presidente da comissão municipal. — *Antonio Julio Bello de Almeida*, administrador do concelho. — *Juliano Monteiro Torres*, representante da Associação dos Atiradores Civis de Loanda. — Secretario, *Armando Barretto de Figueiredo Tudella*, alferes de infantaria.



«O Tiro» — Coimbra

Em 17 de fevereiro de 1906 inaugurou-se em Coimbra o *Stand* da Sociedade *O Tiro*. Esta sociedade foi fundada pelos srs. Frederico da Costa Pinto e Francisco Tavares de Proença Junior, que não se pouparam a esforços para levar até ao final a missão de que tão entusiasticamente se tinham incumbido.

A sessão inaugural foi presidida pelo presidente honorario da sociedade dr. Avelino Cezar Calisto.

Passado pouco tempo depois da sua fundação, foi *O Tiro* convidado pelo «Elite Sport Club» do Porto, a tomar parte no torneio organizado por este club. Ahi obteve Luiz Folque, thesoureiro do *Tiro* o 2.º premio.

Mais tarde, a favor da «Maternidade de Coimbra» houve um torneio entre *O Tiro* e o «Club dos Atiradores do Cidral» de Coimbra. N'este torneio que foi muito renhido e teve de se prolongar por varias sessões, ficou *O Tiro* vencedor.

A 27 de maio promoveu *O Tiro* dois grandes torneios de tiro aos pombos e aos *clay-birds*; para este torneio foram convidados os seguintes clubs, que se fizeram representar n'aquella festa:

«Real Sociedade de Tiro aos Pombos», da Tapada; «Elite Sport Club», do Porto; «Club dos Caçadores», do Porto; e «Club dos Atira-



CAÇADA NA TAPADA DO AZINHAL (EVORA), Propriedade da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Ignacia Barahona

O sr. Miguel de Mattos Fernandes

dores do Cidral», de Coimbra. No 1.º dia houve torneio de tiro aos pombos, ao qual assistiu S. A. o sr. Infante D. Afonso.

O 1.º premio era a «Taça Mocidade», que foi oferecida pelo sr. Jayme Arthur da Costa Pinto; foi ganha por Frederico da Costa Pinto; factor do Tiro. 2.º premio, ganho por Antonio Quaresma, socio do Tiro. 3.º premio, pelo sr. Eduardo Pomeiro, da Tapada. 4.º premio, pelo sr. Visconde de Reguengos, tambem da Tapada. 5.º premio, pelo sr. Reynaldo Teixeira, do Porto. 6.º premio, pelo sr. Menezes d'Almeida, do Tiro. 7.º premio, pelo sr. Albino Guimaraes, do Porto. 8.º premio, pelo sr. Antonio de Souza.

No dia 27 houve torneio aos *clay-birds*, ficando vencedor o sr. Luiz Infante, do Tiro.

A 8 de dezembro houve torneio de tiro aos pombos.

O 1.º premio, «Taça o Tiro», foi ganho pelo sr. dr. Elyσιο de Castro, do Porto. O 2.º premio pelo sr. João Bianchi. O 3.º premio pelo sr. Luiz Folque. O 4.º premio pelo sr. Camillo Castello Branco. O 5.º premio pelo sr. Costa Pinto. O 6.º premio pelo sr. Menezes d'Almeida.

O 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º premios foram ganhos pelos socios do Tiro. Finalmente a 24 de fevereiro de 1907 houve torneio aos *clay-birds*,

ganhando o primeiro premio, Taça «Cruz de Celas», o sr. Camillo Castello Branco. O 2.º premio, sr. dr. Tamagnini. O 3.º premio, sr. Antonio Quaresma. O 4.º premio, sr. Costa Pinto. O 5.º premio, sr. Teixeira.

Conta esta sociedade apenas um anno de existencia, e já tomou parte e promoveu grande numero de torneios; já fez atradores, como Camillo Castello Branco, que, como Costa Pinto, o vencedor do «Grande Torneo Annual do Tiro de Guerra», em Cauterets (França), ganharam 50 p. c. dos poules de uma sessão de tiro aos pombos na Tapada onde estava grande numero dos atradores mais classificados dos clubs do Porto e de Lisboa.

As outras especies de tiro tambem não foram desprezadas; o tiro á bala e o tiro á pistola *au commandement* teve um grande numero de adeptos, entre os quaes se destacava o sub-director, sr. F. Tavares de Proença.

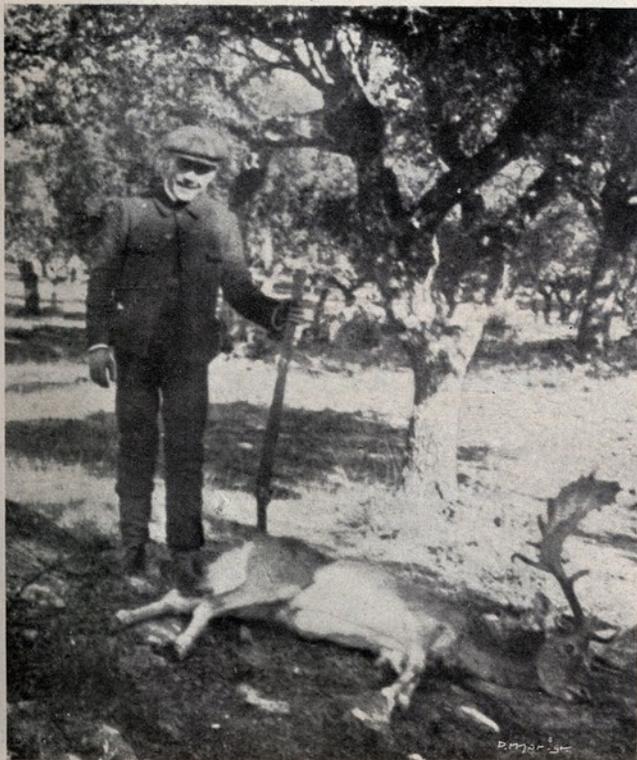
Tem esta sociedade organizado torneios de tiro á bala entre senhoras. No 1.º torneio ficou vencedora a sr.ª D. Malvalho.

De entre as senhoras que atiram destacam-se como mais enthu-



CAÇADA NA TAPADA DO AZINHAL (EVORA)

A interessante filhinha do director da caçada, o sr. Miguel de Mattos Fernandes, examinando uma das victimas



CAÇADA NA TAPADA DO AZINHAL (EVORA) — ANTONIO POTES JUNIOR E RODRIGO PEIXOTO



CAÇADA NA TAPADA DO AZINHAL (EVORA) — Um grupo em convívio

siastas Mademoiselles Reis Torgal, e Aguiar, Madame Quaresma, Mademoiselle Silva Carvalho, etc.

Tem o stand do Tiro recintos apropriados, tanto para o tiro aos pombos e *clay-birds*, como para o tiro ao alvo. Possui a sociedade armas, que aluga aos associados, alvos moveis, *silhouettes* para o tiro á pistola e mais material indispensavel.

Brevemente começarão os trabalhos de terraplenagem para a installação de dois courts de *tennis*.

Tudo isto se fez no pequeno espaço de 13 mezes, e a actual direcção não se poupa a esforços para que n'um futuro breve seja a sociedade *O Tiro* o modelo das agremiações d'esta especie, de *sport* podendo rivalizar com as sociedades estrangeiras congeneres de maior renome.

Capas para a encadernação do «Tiro e Sport»

EM PERCALINA E OURO

**600 réis**

(porte de correio não comprehendido)

Requisições á administração desta revista



CAÇADA NA TAPADA DO AZINHAL (EVORA) — Um interessante grupo examinando uma das victimas

**PASTELLARIA MARQUES**

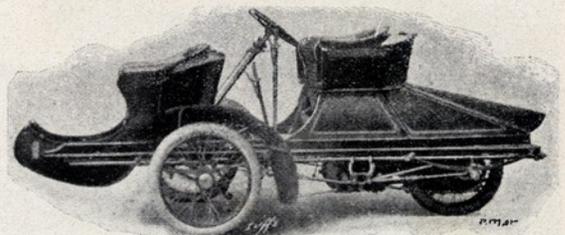
Manuel Marques & C.<sup>ta</sup>

ESPECIALIDADE em doces d'ovos, biscoitos seccos, bombons-chocolates, vinhos nacionaes e estrangeiros, licores, cognacs, etc.

Fornecem-se Lunchs, Jantares e Soirées

Telephone n.º 989 70, CHIADO, 72 LISBOA

**Tricar Automovel «Rex»**



Vende-se muito barato na casa «Velo-Portugal»  
Motocycletes de 3½ e 5 cavallos, da mesma marca ingleza

J. da Costa Braga — Rua Maria, 21 a 23 — Lisboa

**Fabrica de Ceramica**

**GARCIA & LEITE**

MOVIDA A ELECTRICIDADE

Malpique (Campo Grande)

LISBOA

Encarrega-se de projectos e construcções

# SECÇÃO LITTERARIA

## ETERNA NOITE

Romance historico, escripto expressamente para esta revista por J. Bivar de Sousa

(Continuação do numero antecedente)

O contra-mestre levantava no entretanto auto da occorencia e mandava participar o facto ao official de quarto para este, por seu turno, o communicar ao commandante.

O marinheiro, que tão desastrosamente se despenhára, era um dos mais antigos da guarnição da fragata e um dos mais experimentados da marinha ingleza.

Possuia uma folha extensissima de grandes e relevantes servicos prestados á sua patria.

Combatera em Trafalgar, fora ahi proclamado heroe, merecendo os mais rasgados elogios do almirante Nelson, que vira morrer á bordo da «Victoria».

Era um homem forte, robusto, uma constituição herculea, hombros largos, rosto expressivo e enérgico, fronte ampla, a boca rasgada, d'onde sahia sempre uma respiração ruidosa, como a de um touro cansado. Tinha os braços e o peito tatuados d'azul, com uma cruz e uma ancora.

O commandante Sidney Smith tinha aquelle homem em grande conta, depositava n'elle uma illimitada confiança e considerava-o como uma reliquia da marinha britannica.

Sempre que fallava d'elle aos outros almirantes, seus collegas, era com uma certa veneração que os admirava. Tecia-lhe elogios e punha-lhe em relevo as bellas qualidades de combatente de que elle era dotado.

Sidney orgulhava-se até de possuir na guarnição do navio de que era commandante aquelle marinheiro. O almirante tinha por elle tanta consideração que chegava a dizer que se o seu humilde subordinado não fosse um homem rude, ignorante, quasi selvagem, seria na marinha ingleza o substituto de Nelson.

Tinha a bravura de um leão, a astucia de um tigre e era dotado de uma coragem verdadeiramente excepcional. Servia de exemplo a todos os outros marinheiros. Onde se encontrava aquelle homem, no meio dos furores dos combates, no meio das camificinas e dos horrores das batalhas navaes, não havia medo, não havia pavor. O bravo marinheiro fazia verdadeiros prodigios e a sua voz rouca, rude, forte, exaltava os outros inflammava-os, tornava-os heroes. Era um homem verdadeiramente extraordinario. Possuia todas as qualidades para commandar, mas faltava-lhe a instrucção.

Cabo Thomson não sabia ler nem escrever. Era um analfabeto e, por isso, não passára nunca do posto que possuia e não tinha a mais insignificante condecoração em consequencia de não ter podido passar de cabo de marinha. A sua gradação não lh'o permittia; as leis inglezas, severas e assás aristocraticas n'este ponto, não auctorisavam o governo britannico a premiar cabo Thomson, pelas suas façanhas, d'essa forma.

Para suavisar a lei, os almirantes tinham solicitado do governo um subsidio para aquelle heroico marinheiro e haviam-o conseguido. Medalha é que não. Um marinheiro, um soldado não pode ser condecorado em Inglaterra, pelo menos n'aquella epocha.

Era a lei e a lei, na Gran-Bretanha, executa-se sempre á risca.

Mas podia-se substituir a medalha, a condecoração, a venera pelo dinheiro. Fora o que havia acontecido a cabo Thomson. Se elle tivesse querido deixar a vida do mar, passar o resto da sua existencia, descansadamente, podia tel-o feito; mas não. O bravo marinheiro, não tendo familia, não tendo affeição alguma em terra, sendo só n'este mundo e amando o navio, os seus companheiros, o oceano, a guerra, não quizera.

A sua sepultura devia ser o abysmo, o fundo do mar. Ahi é que lhe devia ser dado repousar das fides e das luctas da vida.

O mar para cabo Thomson fora sempre um amigo desde os mais tenros annos. Acostumara-se a elle, affeçoara-se-lhe, tinha-lhe amor e, do coração, lhe perdoava algum arrufo mais violento.

O marinheiro de Trafalgar considerava o oceano como um animal feroz que só elle sabia domesticar. Por isso em noites de grande temporal, quando as vagas ameaçavam tragar o navio, quando toda a tripulação andava em embaraços, quando o nevoeiro era cerradissimo, que nada se ouvia, que nada se via, a não ser a espasmos, o phantasma da morte, cabo Thomson debruçava-se da amurada e dizia ao mar o que lhe parecia, ameaçando-o, desafiando-o, aticando-o como a um cão e escarneendo-o.

Entendia-o muito bem. Aquillo era uma extravagancia, um capricho, uma teimosia, que elle domava com facilidade. O mar zangar-se com elle, com o seu amigo intimo, dava-lhe vontade de rir e ao mesmo tempo de azorregar, como Xerxes ao saber da destruição da esquadra pelo temporal. Não podia comprehender a razão d'esses arrufos e por isso chamava ao oceano um grande urso. Ao mesmo tempo, porem, o marinheiro tinha-lhe respeito e venerava-o. Via n'elle uma obra que lhe parecia muito superior á de todos os homens, via n'elle, inconscientemente, a natureza com as suas forças prodigiosas, com as suas leis irrevogaveis, com as suas bellezas inimitaveis, com os seus horrores indiscriptiveis; a natureza com toda a sua sublimidade, magestade, immensidade e adorava-o, respeitava-o, venerava-o por isso, comparando-o com as obras sociaes.

A sua verdadeira patria fora o mar. Ahi é que tinham vivido os seus pais, ahi se tornára homem, marinheiro, cabo. A elle devia o pouco que possuia e a elle agradecia com a maior gratidão esses beneficios.

Cabo Thomson não amava a Inglaterra. Parecia-lhe que a nação a que pertencia como cidadão havia sido para elle um bocadinho ingrata, não lhe tendo reconhecido devidamente os seus servicos. Não servia o seu paiz, mas sim o mar. A guerra para elle era uma distracção, não tendo interesse algum, quando combatia, em ser util á Inglaterra.

(Continúa).



## Foot-ball

### Foot-ball na Armada

Continua despertando grande entusiasmo entre as praças da nossa marinha de guerra este tão educativo e higienico jogo.

Assim é que elle se tem vulgarisado entre o pessoal do quartel de marinheiros e da Canhoneira *Tejo* que se acha actualmente na doca de Alcantara, tendo-se o 1.º grupo d'este navio defrontado com o «Sport Arsenal», aggremação sportiva dos empregados d'aquelle estabelecimento no domingo 24 no Campo Atletico de Alcantara, cedido por amavel deferencia do C. I. F., sempre prompto a auxiliar todas as iniciativas tendentes a desenvolver o gosto pelos salutaes exercicios physicos.

O desafio decorreu muito animado, marcando o «Sport Arsenal» 4 goals contra 3 da *Tejo*, apresentando ambos os grupos jogadores de reconhecida aptidãa e que com a necessaria pratica se enfileirarão ao lado dos bons de qualquer club antigo.

Entre a assistencia vimos, além de algumas senhoras, varios officiaes d'armada animando com a sua presença e palavras d'incitamento os seus subordinados que revelaram, diga-se de passagem, quando disciplina de jogo, tanto mais para registar quanto é certo que só ha 3 mezes é que foram iniciados no foot-ball.

E' com o maior praser que vemos o gosto que a nossa marinhagem vai mostrando possuir pelos exercicios do corpo, de effeitos reconhecidamente beneficos não só sobre o organismo como na disposição moral e consequente disciplina das guarnições.

### Desafio entre o C. C. e o S. L.

Realisou-se no dia 17 o desafio, fóra da Liga, entre estas duas associações, e em que o C. C. esperava tirar a desforra do ultimo desafio ganho por 1 goal pelo grupo portuguez.

O grupo inglez apresentou os seus melhores jogadores, faltando ao S. L. o forward A. Couto por não estar ainda restabelecido do desastre a que alludimos no nosso ultimo numero.

O resultado da lucta traduziu-se por uma victoria do C. C. por 3 goals contra 0.

### Torneio de Football

Effectuou-se no dia 17 no campo da Luz o desafio entre os 2.ºs grupos do S. C. P. e do F. C. N. vencendo este por 2 goals contra 0. ficando agora a lucta pendente entre este e o S. L.

Tendo desistido o 3.º grupo do S. C. P. será entre os 3.ºs grupos do F. C. N. e do S. L. disputada a posse do outro objecto d'arte offerecido por um grupo de socios do C. I. F.

### Desafio entre o Carcavellos Club e um grupc de Lisboa

Realisou-se na terça-feira, 19, no Campo de Carcavellos, o desafio entre o club dos empregados d'aquella estação submarina e um grupo composto de jogadores das seguintes aggremações sportivas: Club Internacional de Foot-ball, Lisboa Criket Club e Sport Lisboa.

A composição dos grupos era como segue:

Carcavellos Club: *Goal keeper* Thomson; *backs* Peile e Billings; *halves* Maconald, Webster e Westcott; *forwards* Vheeler, Godrich, Burtrnshaw, O'Connoe e Bishop.

Grupo mixto: *Goal keeper* Móra (S. L.); *backs* C. Rankin e J. Rankin (L. C. C.); *halves* Levy (S. L.), Eduardo Luiz P. Basto e J. Bello (C. I. F.); *forwards* A. Rodrigues e C. Henriques (S. L.), V. Ryder, Sissener e F. Pinto Basto (C. I. F.).

O jogo que começou perto das 3 horas da tarde com o vento e sol a favor do C. C. foi despidido de interesse na 1.ª parte comquanto os jogadores se houvessem com mestria. O juiz do campo, que não attendeu á má impressão que produz nos espectadores e jogadores o *constant whistling for trifling and doubtful breaches of the law* (Council 14-Dez.-03) desgostando uns e outro, muito concorreu (sômos obrigados a dizelo em abono da verdade) para aquelle resultado, pela insistencia em conceder pontapés livres (*free-kicks*) por faltas que as leis do jogo não mencionam.

Assim é que por varias vezes foram castigados jogadores d'um e d'outro partido por saltarem para a bola para lhe darem com a cabeça ou mesmo para se servirem do pé, quando a lei IX e o texto das instruções do original inglez bem claramente dizem que a falta consiste tão sómente no facto de «se atirar propositadamente para cima d'um jogador e não para a bola.»



TORNEIO DE FOOT-BALL NO CAMPO DE CARCAVELLOS — Sport de Lisboa contra o Club Internacional de Foot-Ball

Antes do intervalo conseguiu o C. C. marcar 1 goal por ter o back do partido adverso fallado excepcionalmente o pontapé.

Na 2.<sup>a</sup> parte tendo o back sr. J. Rankin parado repentinamente a bola para com segurança e certeza dirigir o pontapé (maneira especial de jogar em alguns condados d'Inglaterra) entendeu o juiz (e isso é indiscutível) que devia applicar castigo ao Grupo de Lisboa por infracção da lei IX, *rasteira*, (*tripping, by stopping in front*), mandando dar um *penalty kick* que deu origem a marcar assim o C. C. um 2.<sup>o</sup> goal.

Como a supposta infracção da lei se deu tão proximo da *areada penalidade* que as opiniões se dividiram quanto ao local onde aquella se dera, querendo uns que tivesse effectivamente sido dentro da mencionada zona, e outros (que constituíam a grande maioria) fóra d'ella. devendo ser n'este caso o castigo a applicar um *free kick* e não um *penalty kick* parece-nos que em casos duvidosos como o que apontamos é mais justo applicar a pena menor e não o *pontapé de castigo*, pena tão rigorosa (e que por isso mesmo só em casos palpaveis deve ser mantida) que em 90 <sup>o</sup>/<sub>o</sub> vezes é causa de marcar goal.

Com a imparcialidade que nos caracteriza aqui registámos a nossa opinião, com a maior lealdade e sem outro proposito que não seja o da verdade e o de animar a causa do *sport*.

Do grupo vencedor devemos especialisar o *Goal-keeper* sr. Thompson que vimos jogar pela primeira vez e que revelou ser um bom jogador: a notar principalmente um bem defendido pontapé de canto; os srs. Billing, Webster, Bishop e Burtenshaw muito bons como sempre.

Do Grupo de Lisboa, além dos srs: Mora, Levy, Eduardo Luiz e José Bello (que estiveram verdadeiramente incansaveis) devemos distinguir os srs. A. Rodrigues, que jogou muito bem, com acerto, actividade e *posição*, e J. Rankin que teve verdadeiramente as honras da tarde.

Antes de terminarmos seja-nos permitido fazer umas observações ao jogo de alguns dos nossos. O *goal-keeper* collocou-se na expectativa do *penalty kick* no logar onde geralmente em Portugal inglezes e portuguezes se portam n'aquella decisiva circumstancia. Vimos alguns fora do reino proceder d'outra maneira, que se poderia talvez experimentar entre nós: o *goal-keeper*, em vez de ficar a meio da linha do goal á espera que a bola lhe vá bater, pois em regra a defeza do *penalty kick* é motivada pela sorte e não occupa posição definitiva na linha do goal, conservando o olhar constantemente fito no jogador que vai dar o pontapé; ao signal do apito corre para o lado que por palpite ou qualquer inicio physionomico d'aquelle, lhe parece ser o atacado.

Como em geral a bola n'este caso particular não entra pela parte central onde usualmente se acha o *goal-keeper*; comprehende-se que se este conseguir com os passos curtos que aconselhamos enganar o jogador e correr como indicamos, haverá maior numero de probabilidades de defeza.

Sob o jogo dos *half-backs* notámos em geral que os portuguezes passam é verdade a bola aos *forwards* como é preceito, mas fazem-no mandando-a muito alta, em *volleys*, o que difficulta a posse para os ultimos, embaraçados já pelos jogadores contrarios.

É pratica que, estamos certos, desaparecerá pouco a pouco com



TORNEIO DE FOOT-BALL NO CAMPO DE CARCAVELLOS  
Sport Lisboa contra o Club Internacional de Foot-Ball  
Clichê Tiro e Sport

manifesta vantagem para nós; em Inglaterra os melhores *halves* raro dão o pontapé com a parte anterior do pé e sim de lado, passando a bola *rasteira* ou pelo menos muito baixa.

Em resumo, a numerosa assistencia teve occasião de presenciar um bom jogo, muito igual, favorecido por um dia esplendido. Foi muito agradável para os entusiastas da educação physica em Portugal a elegancia com que se jogou e a boa ordem e silencio durante a lucta qualidades estas que atestam o conhecimento do jogo, a boa camaradagem que felizmente reina entre os clubs sportivos e a correcção de parte dos seus membros.



TAÇA MARIA PIA

Offerecido por Sua Magestade El-Rei para a Regata de Lagos  
Execução do joalheiro Pinheiro Martins



## Empresa Insulana de Navegação

PARA

S. Miguel, Terceira, Graciosa, (St.<sup>a</sup> Cruz), S. Jorge, (Calheta), Lagos do Pico, Fayal e Flores. Sae o vapor **Funchal**, dia 5 de Março ás 10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes, Caes do Sodré, 84, 2.<sup>o</sup> andar.

Germano Serrão Arnaud.

## Secção de Photographia

DO

### Salão de jogos

Completo sortimento de material photographico de todas as qualidades e auctores.

Preços os mais baratos do mercado.

R. NOVA DO ALMADA  
48 a 50

Telephone 1231



## Gramophones

### Machinas

### Fallantes

—\*— RUA DE S. NICOLAU, 113 —\*—

# Foot-ball Association

Continuado do n.º 348

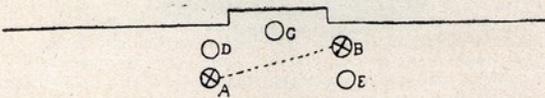
## GRAPHICS

Destinados a esclarecer a lei 6.<sup>a</sup> relativamente ao caso do jogador FÓRA DO JOGO

NOTA — Os jogadores indicados com o signal ⊕ atacam o goal e com o signal ○ defendem.

N.º 1 — FÓRA DO JOGO

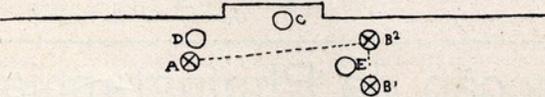
A bola é passada a um jogador do mesmo lado



A correu para a bola, e tendo D na sua frente, passa a B. B está FÓRA DO JOGO porque quando A passou a bola havia menos de 3 adversários entre B e a linha de goal. Se B espera que E volte atrás para então *shutar*, é do mesmo modo considerado FÓRA DO JOGO, porque isso não influíu na sua posição relativamente a A na ocasião em que este lhe passou a bola. — *SHUTAR* é um gallicismo, que significa dar um forte pontape na bola directamente para o goal.

N.º 2 — Não está FÓRA DO JOGO

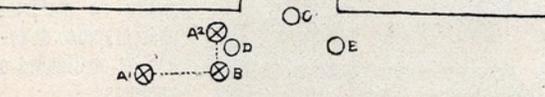
A bola é passada a um jogador do mesmo lado (continuação)



A corre sobre a bola, e tendo D na sua frente, passa-a para o outro lado do campo. B corre só então da posição 1 para a posição 2. B não está FÓRA DO JOGO porque no momento em que a bola foi passada por A, tinha 3 adversários entre si e a linha de goal.

N.º 3 — FÓRA DO JOGO

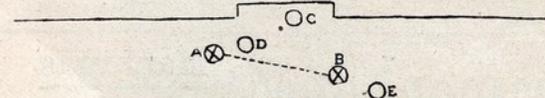
A bola é passada a um jogador do mesmo lado (continuação)



A e B fazem um *passé* correndo para o mesmo lado. A passa a bola a B que não pôde *shutar* porque tem D na sua frente. A então corre da posição 1 para a posição 2 na qual elle recebe a bola de B. A está FÓRA DO JOGO porque elle tinha menos de 3 adversários entre si e a linha de goal, na ocasião em que B jogou a bola para diante.

N.º 4 — Não está FÓRA DO JOGO

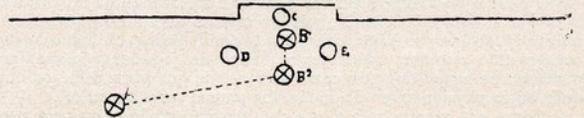
A bola é passada a um jogador do mesmo lado (continuação)



A e B fazem um *passé* correndo para o centro e A tendo D na sua frente, passa a bola para traz a B. B não está FÓRA DO JOGO porque, apesar de não ter 3 adversários entre elle e a linha de goal, não estava contudo mais proximo da linha de goal do que A no momento em que este lhe passou a bola.

N.º 5 — FÓRA DO JOGO

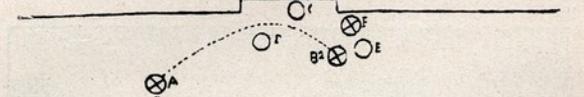
Correndo para traz para a bola



A passa a bola ao centro. B corre para traz da posição 1 para a posição 2 e então corre com a bola nos pés entre D e E e marca um goal. B está FÓRA DO JOGO porque não tinha 3 adversários entre si e a linha de goal no occasio em que A jogou a bola.

N.º 6 — FÓRA DO JOGO

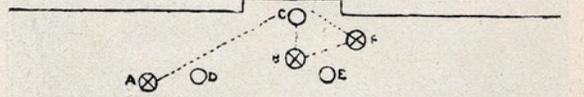
Correndo para traz para a bola (continuação)



A faz um *shute* para o goal, mas o vento e o effeito carregam com a bola para traz. B corre da posição 1 para a posição 2 e marca goal. B está FÓRA DO JOGO porque não tinha 3 adversários entre elle e a linha de goal na occasio em que A jogou a bola pela ultima vez.

N.º 7 — FÓRA DO JOGO

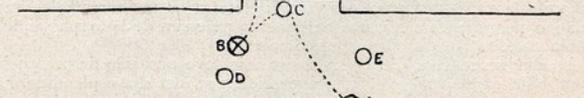
Shute para o goal devolvido pelo goal-keeper



A faz um *shute* para o goal. A bola é apanhada por C que a joga para dentro conseguindo B apoderar-se d'ella, mas escorrega e passa a bola a F que marca um goal. F está FÓRA DO JOGO porque está mais avançado do que B e quando este lhe passou a bola não tinha 3 adversários entre si e a linha de goal.

N.º 8 — Não está FÓRA DO JOGO

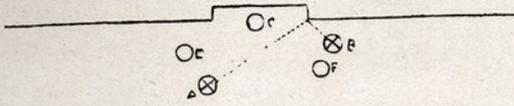
Shute para o goal devolvido pelo goal-keeper (continuação)



A faz um *shute* para o goal. A bola é apanhada por C que a joga para dentro, conseguindo então B apoderar-se d'ella e marcar um goal. B não tinha 3 adversários entre si e a linha de goal quando a bola foi jogada por A, mas, verificado que n'aquella posição não estorvava qualquer adversario, elle não está FÓRA DO JOGO porque a bola foi jogada em ultimo lugar por um adversario C.

## N.º 9 — FÓRA DO JOGO

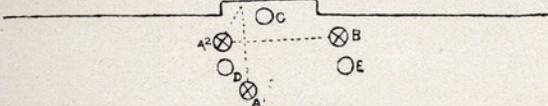
**A bola bate na barra ou nos postes do goal e resulta para o jogo**



A dá um *shute* para o goal e a bola resalta do poste do goal para o jogo. B apodera-se da bola e marca um goal. B está FÓRA DO JOGO porque a bola foi jogada em ultimo lugar por A, que é um jogador do seu partido, e quando A a jogou, B não tinha 3 adversarios entre si e a *linha de goal*, e estava mais avançado do que A.

## N.º 10 — FÓRA DO JOGO

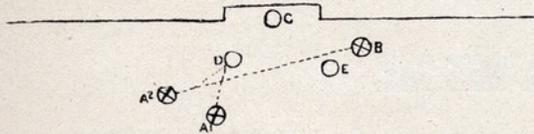
**A bola bate na barra ou nos postes do goal e resulta para o jogo (continuação)**



A dá um *shute* para o goal e a bola resalta da barra transversal para o jogo. A avança da posição 1 para a posição 2, e então passa a B que tinha avançado do outro lado do campo. B está FÓRA DO JOGO porque a bola foi jogada em ultimo lugar por A, que é um jogador do seu partido, e quando A a jogou, B não tinha 3 adversarios entre elle e a *linha de goal*, e estava mais avançado do que A. Se A tivesse marcado goal da 2.ª vez que apanhou a bola, em vez de a passar a B esse goal seria confiável a favor do seu partido.

## N.º 11 — FÓRA DO JOGO

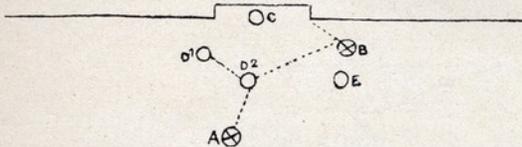
**A bola toca n'um adversario**



A dá um *shute* para o goal e a bola é batida por D. A corre da posição 1 para a posição 2 e torna a apanhar a bola, mas não pode fazer *shute* para o goal porque tem D na sua frente. Em vista d'isso A passa a bola a B. B está FÓRA DO JOGO porque estava mais avançado do que A e não tinha 3 adversarios entre elle e a *linha de goal*, quando A lhe passou a bola.

## N.º 12 — Não está FÓRA DO JOGO

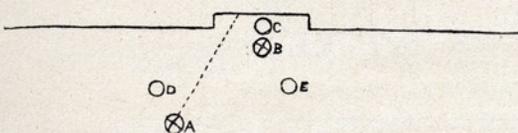
**A bola toca n'um adversario (continuação)**



A dá um *shute* para o goal. D corre da posição 1 para a posição 2 e intercepta a bola, mas ella resvala-lhe no pé e segue para B que marca um goal. B não está FÓRA DO JOGO porque, apesar de não ter 3 adversarios entre elle e a *linha de goal*, contudo a bola foi jogada em ultimo lugar por um adversario.

## N.º 13 — FÓRA DO JOGO

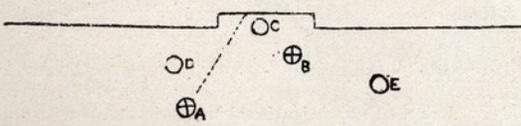
**Estorvando o goal-keeper**



A dá um *shute* para o goal e marca um goal. Contudo B faz estorvo a C de tal modo que este não pode esperar a bola. O ponto não deve ser válido, porque B estava na posição de FÓRA DO JOGO e assim não pode tocar na bola, nem de qualquer modo estorvar um adversario.

## N.º 14 — FÓRA DO JOGO

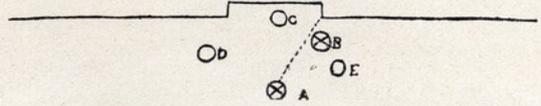
**Estorvando o goal-keeper (continuação)**



A dá um *shute* para o goal. B corre para deante enquanto a bola caminha, e alcança C exactamente no momento de a jogar. B está FÓRA DO JOGO porque estava mais avançado do que A e não tinha 3 adversarios entre elle e a *linha de goal* quando A jogou a bola. N'esta posição B não pode tocar na bola, nem de qualquer modo estorvar um adversario.

## N.º 15 — FÓRA DO JOGO

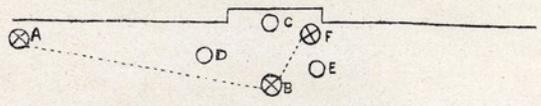
**Estorvando um adversario que não é goal-keeper**



A dá um *shute* para goal. B impede E de correr para deante afim d'interceptar a bola. B está FÓRA DO JOGO porque estava mais avançado do que A e não tinha 3 adversarios entre elle e a *linha de goal* quando A jogou a bola. N'esta posição B não pôde tocar na bola, nem de qualquer modo estorvar um adversario.

## N.º 16 — FÓRA DO JOGO

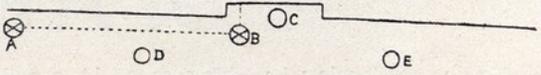
**Depois d'um corner-kick**



A dá um *corner-kick* e a bola vae para B. B dá um *shute* para o goal e a bola passando por F toca-lhe. F está FÓRA DO JOGO porque depois de ter sido dado o *corner-kick* a bola foi jogada em ultimo lugar por B que é jogador do mesmo partido e quando B a jogou, F não tinha 3 adversarios entre elle e a *linha de goal*.

## N.º 17 — Não está FÓRA DO JOGO

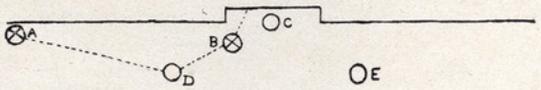
**Depois de um corner-kick (continuação)**



A dá um *corner-kick* e a bola vae para B que marca um goal. B tem unicamente um adversario entre elle e a *linha de goal*, mas não está FÓRA DO JOGO porque um jogador nunca está n'aquella posição no caso d'um *corner-kick*.

## N.º 18 — Não está FÓRA DO JOGO

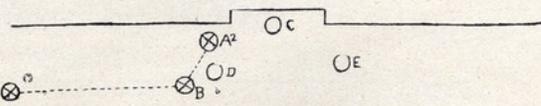
**Depois d'um corner-kick (continuação)**



A dá um *corner-kick* e a bola resvala em D e segue para B que marca um goal. B tem unicamente um adversario entre elle e a *linha de goal*, mas este não está FÓRA DO JOGO porque a bola foi jogada em ultimo lugar por um adversario.

## N.º 19 — FÓRA DO JOGO

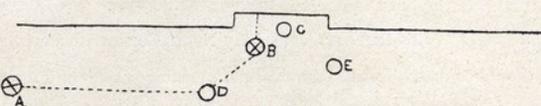
**Depois da bola posta em jogo da linha de touch**



A deita a bola para B e então corre da posição 1 para a posição 2. B passa a bola para A na posição 2. A está FÓRA DO JOGO porque não tinha 3 adversarios entre elle e a *linha de goal* quando a bola lhe foi passada por B.

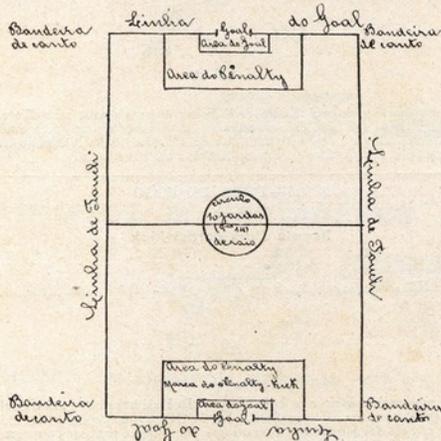
## N.º 20 — Não está FÓRA DO JOGO

**Depois da bola posta em jogo da linha de touch (continuação)**

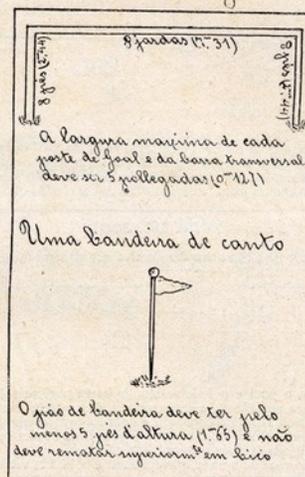


A deita a bola contra D onde resvala e segue para B. Ainda que B não tem 3 adversarios entre elle e a *linha de goal*, ele não está FÓRA DO JOGO porque a bola foi jogada em ultimo lugar pelo adversario D.

Plano do campo de jogo  
Conforme o disposto na lei 1ª



Dimensões dos Goals



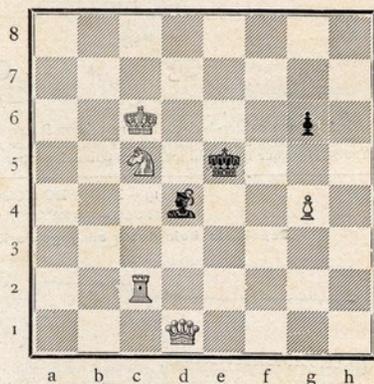
# XADREZ

A correspondência sobre esta secção pôde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens

## Primeiro concurso de problemas do «Tiro e Sport»

Problema n.º 21

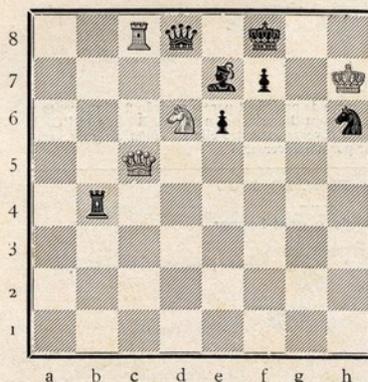
«Cunningham»  
(Pretas 3)



(Branças 5)

Problema n.º 22

«Cave Regi!»  
(Pretas 7)



(Branças 4)

### MATE EM DOIS

### Solução do problema n.º 15

1. C e 5    2. C f 7    3. C d 6 mate  
   R f 5    Re 4

Resolvido pelos ex.ºs srs. João Eloy Nunes Cardozo, Francisco José Ramos e dr. Alfredo Ansur.

O grande match Lasker-Marshall para o campeonato do mundo começou em New York no dia 27 de janeiro ultimo. Até o fim de fevereiro:

Dr. E. Lasker, ganhou.....	4 partidas
Marshall » .....	0 »
Empatadas » .....	4 »



**Grupo de Foot-Ball do Club de Carcavellos**

Vencedor do Torneio da Liga entre este Club e os grupos do Sport de Lisboa,  
Lisbon Cricket-Club, e o Club Internacional de Foot-Ball.